

## **Racionais MC's em sala de aula: experiência docente no cursinho popular**

**Luis Otávio Vilela da Cruz**<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0000-8416-1319>

**Fernanda Castilho**<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2301-0554>

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma autorreflexão crítica sobre a prática docente realizada em 2021 num Cursinho Popular de uma Universidade no interior de São Paulo, a partir da utilização das músicas do grupo Racionais MC's como recurso pedagógico. A experiência analisada evidencia o potencial do rap como instrumento de mediação cultural e formativa, capaz de promover debates sobre desigualdade, juventude, resistência e identidade em contextos populares. O estudo adota uma perspectiva qualitativa e narrativa, assumindo a docência como prática social, política e cultural. Ao articular vivências docentes e referenciais da pedagogia crítica e da pesquisa (auto)biográfica, busca-se compreender os aprendizados e tensões de uma prática que se ancora na valorização da cultura popular como dispositivo emancipador. Os resultados apontam para a necessidade de mediação pedagógica intencional, para o reconhecimento da legitimidade do rap em espaços educativos e para a ressignificação da própria identidade docente. Assim, o trabalho reforça a importância da autorreflexão como metodologia formativa e destaca o papel do educador em legitimar vozes periféricas no processo educativo.

**Palavras-chave:** Docência crítica. Narrativas (auto)biográficas. Racionais MC's. Educação popular.

### **Abstract**

This paper presents a critical self-reflection on the teaching practice carried out in 2021 at the Popular Preparatory Course in the countryside of São Paulo, based

---

<sup>1</sup> UFSCAR

<sup>2</sup> UFSCAR / CEETEPS

on the use of songs by the rap group Racionais MC's as a pedagogical resource. The experience analyzed highlights the potential of rap as a tool for cultural and formative mediation, capable of fostering debates on inequality, youth, resistance, and identity in popular educational contexts. The study adopts a qualitative and narrative perspective (Sampieri; Collado; Lucio, 2013), understanding teaching as a social, political, and cultural practice (Freire, 1996; Adorno, 1995). By articulating teaching experiences with references from critical pedagogy and (auto)biographical research (Frison, 2011; Souza; Senna, 2023; Moraes, 2025), it aims to identify the learnings and tensions of a practice grounded in the recognition of popular culture as an emancipatory device. The findings point to the need for intentional pedagogical mediation, the recognition of rap as a legitimate educational resource, and the reconfiguration of teaching identity. Therefore, this work emphasizes the importance of self-reflection as a formative methodology and highlights the teacher's role in legitimizing peripheral voices within the educational process.

**Keywords:** Critical teaching. (Auto)biographical narratives. Racionais MC's. Popular education.

## **1 Introdução**

A docência em contextos populares exige uma postura crítica e continuamente autorreflexiva. Ao concluir a formação jurídica, identificou-se a necessidade de reinvestimento do conhecimento acumulado ao longo dos estudos em espaços de diálogo com a comunidade. Esse movimento partiu do desejo de compartilhar saberes anteriormente cultivados como interesse pessoal pela leitura, que gradualmente se transformaram em prática formativa. A experiência desenvolvida no segundo semestre de 2021, embora breve, revelou-se intensa e fundamental para a reformulação do lugar do educador, assim como para a articulação entre saberes acadêmicos e demandas coletivas.

A experiência do Cursinho Popular de uma Universidade no interior de São Paulo, local onde se desenvolveu a atuação docente voluntária, é organizado por estudantes universitários e voltado a jovens e adultos de diferentes origens sociais. Seu objetivo principal é preparar candidatos para vestibulares como a Fuvest, promovendo também um ambiente de acolhimento e formação cidadã (Nazaré, 2024). Além da preparação acadêmica, o cursinho constitui-se como espaço de encontros e partilhas, evidenciando como a educação popular pode articular conhecimento formal e práticas de resistência. A vivência nesse contexto possibilitou compreender os potenciais e os limites da pedagogia crítica, reposicionando a prática docente como objeto de reflexão sistemática.

A autorreflexão proposta não se limita a um exercício de rememoração individual, mas configura-se como processo metodológico e formativo. De acordo com Freire (1996), o educador é um sujeito inacabado e permanentemente aprendente, o que demanda a constante revisitação de suas práticas a fim de identificar sentidos, contradições e possibilidades de reinvenção. Nessa perspectiva, a reflexão autobiográfica não se encerra em si mesma, mas integra uma concepção pedagógica que compreende o ensino como prática social atravessada por dimensões históricas, políticas e culturais (França, 2023). Refletir sobre a utilização das músicas dos Racionais MC's na educação popular representa, portanto, um esforço para compreender os caminhos possíveis de uma docência comprometida com a transformação social e a valorização das vozes periféricas nos espaços educativos. Tal abordagem permite ressignificar os espaços escolares por meio de uma escuta ativa, que favorece representatividade e pertencimento.

A escolha desse repertório tem caráter pedagógico e político. Faria (2018), ao analisar a interlocução entre Paulo Freire e a cultura hip hop, destaca o potencial das letras do grupo Racionais MC's como instrumentos de denúncia e conscientização, possibilitando que sujeitos em situação de exclusão social ressignifiquem suas vivências. Zanardine (2015) também evidencia o rap como ferramenta de aprendizagens significativas no ensino de Língua Portuguesa, por articular conteúdos escolares à realidade sociocultural dos estudantes. Essa tradição de práticas educativas baseadas na cultura popular dialoga com a compreensão da docência como espaço de convergência entre linguagens juvenis e formação crítica.

Esse processo, entretanto, não é linear nem isento de desafios. A autorreflexão mostra-se fundamental para a análise tanto dos êxitos quanto das limitações de práticas pedagógicas que buscam integrar cultura popular e educação crítica. Conforme aponta Adorno (1995), a educação voltada à emancipação deve confrontar as contradições sociais que a atravessam, a fim de evitar a simples reprodução de desigualdades. O olhar reflexivo sobre a docência permite reelaborações contínuas e o reconhecimento das tensões e aprendizagens inerentes ao percurso formativo.

Do ponto de vista metodológico, esta reflexão ancora-se na abordagem qualitativa, com ênfase em métodos narrativos e autobiográficos. Sampieri, Collado e Lucio (2013) destacam que a pesquisa qualitativa privilegia a compreensão profunda dos significados atribuídos às experiências, alinhando-se à proposta de analisar a prática docente como objeto legítimo de investigação. No campo educacional, as narrativas autobiográficas têm sido reconhecidas como ferramentas de formação por valorizarem o olhar do professor sobre sua atuação e o contexto em que atua (Freitas; Campos, 2021; Frison, 2011). O presente relato, assim, busca não apenas registrar experiências, mas também sistematizar aprendizagens e ressignificações decorrentes da docência em um espaço popular.

Dessa forma, este estudo propõe uma autorreflexão crítica sobre a prática docente desenvolvida no Cursinho Popular, com o objetivo de contribuir para o

debate sobre a formação docente em contextos de educação popular. Parte-se da análise do rap, especialmente das músicas do grupo Racionais MC's, como dispositivo pedagógico na construção de aprendizagens emancipatórias.

## **2 Objetivo**

O presente trabalho tem como objetivo central realizar uma autorreflexão crítica da prática docente desenvolvida em um cursinho popular universitário, tomando como eixo a utilização de músicas do grupo Racionais MC's enquanto recurso pedagógico e cultural.

De modo mais específico, propõe-se: 1. Compreender os fundamentos que justificam o uso de elementos da cultura popular, em especial o rap, como estratégia de ensino crítico e contextualizado; 2. Refletir sobre aprendizagens, tensões e significados emergentes da experiência docente em espaços de educação popular; 3. Articular a experiência com referenciais teóricos da pedagogia crítica e da educação emancipatória (Freire, 1996; Adorno, 1995), além de contribuições voltadas à autorreflexão e às narrativas autobiográficas (França, 2023; Freitas; Campos, 2021; Frison, 2011); 4. Valorizar a autorreflexão como parte constitutiva da formação docente, reconhecendo-a como prática de ressignificação contínua da docência em contextos populares.

## **3 Método**

Este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, orientado por uma perspectiva narrativa e autobiográfica. Conforme destacado por Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa qualitativa prioriza a compreensão aprofundada dos significados atribuídos às experiências, em seus respectivos contextos, em detrimento da mensuração de resultados ou da produção de dados estatísticos. Assim, a abordagem metodológica adotada mostra-se adequada, considerando-se que a intenção não é quantificar práticas, mas refletir criticamente sobre um percurso docente, tomando a vivência como fonte legítima de análise.

O corpus deste estudo é composto pelas experiências vividas durante a atuação voluntária de um(a) docente em um cursinho popular universitário, no segundo semestre de 2021, com ênfase nas aulas em que se articulou o repertório musical do grupo Racionais MC's ao trabalho pedagógico. As lembranças, anotações pessoais e registros informais desse período não são tratados como dados empíricos em sentido estrito, mas como elementos narrativos que fundamentam um processo de autorreflexão. A voz ativa do professor-pesquisador é assumida deliberadamente, considerando que sua presença constitui parte integrante da construção metodológica: é a partir do olhar do sujeito docente que

os episódios ganham sentido, tornam-se passíveis de interpretação e podem ser compartilhados como experiência formativa.

Essa escolha metodológica encontra respaldo em autores que defendem a narrativa autobiográfica como via de investigação docente. Onófrio (2022), por exemplo, emprega narrativas autobiográficas para compreender a formação e a prática de professoras em contextos escolares, enfatizando a relevância da voz pessoal na atribuição de sentido às interações pedagógicas. De modo semelhante, Moraes, Brito e Soares (2024), ao organizarem a obra *Escritas Autobiográficas sobre Ensino, Pesquisa e Formação de Professores(as)*, reúnem relatos de educadores que se posicionam como sujeitos do estudo, utilizando memórias e registros informais como eixos centrais de reflexão crítica. Nesse sentido, a utilização de registros pessoais e da voz ativa não é entendida como expressão de confessionalismo, mas como recurso metodológico reconhecido por sua capacidade de produzir aprendizagens críticas e significativas.

No campo da educação, as narrativas autobiográficas vêm sendo valorizadas por sua potência formativa, uma vez que permitem ao educador revisitar sua trajetória e reinterpretar suas práticas (Frison, 2011; Moraes, 2024). Ao narrar, o docente não apenas resgata memórias, mas atribui novos significados ao vivido, em diálogo com referenciais da pedagogia crítica (Freire, 1996), da educação emancipatória (Adorno, 1995) e da formação docente reflexiva (França, 2023; Freitas; Campos, 2021).

Dessa forma, este trabalho não se configura como pesquisa empírica de campo, mas como exercício metodologicamente orientado de autorreflexão. Seu objetivo consiste em sistematizar aprendizagens e identificar desafios próprios à docência em espaços populares, tratando a prática pedagógica como campo de investigação. A reflexão pessoal, nesse contexto, assume o estatuto de produção de conhecimento na área da educação, reafirmando que a experiência, quando narrada de forma crítica, pode gerar tanto formação quanto pesquisa.

## **4 Resultados e Discussão**

Ao revisitar a prática docente em um cursinho popular universitário, identificam-se três eixos interpretativos principais: o reconhecimento sociocultural dos Racionais MC's, os efeitos sobre o público atendido e as tensões e desafios envolvidos na incorporação da cultura popular em uma proposta de educação crítica. Tais eixos organizam os sentidos produzidos na experiência, articulando registros da autorreflexão com referências teóricas e evidências externas recentes.

### **4.1 Reconhecimento sociocultural dos Racionais MC's e implicações para a docência**

A experiência docente revelou que o rap, especialmente as músicas do grupo Racionais MC's, ocupava um lugar central na formação cultural dos estudantes. A linguagem direta e as denúncias sociais contidas nas letras promoviam identificação imediata, mobilizando discussões sobre desigualdade, exclusão e reconhecimento. Em sala de aula, as músicas não eram utilizadas como apêndice lúdico, mas como ponto de partida para práticas educativas críticas, conforme os princípios propostos por Freire (1996), que defende partir do universo cultural do educando para fomentar reflexão e conscientização.

Esse reconhecimento pode ser entendido no contexto de um processo mais amplo de legitimação cultural. A inclusão do álbum *Sobrevivendo no Inferno* como leitura obrigatória no vestibular da Unicamp, em 2018 (Menezes, 2018), foi um marco simbólico que tensionou fronteiras entre cultura canônica e cultura popular. Já naquele período, os estudantes do cursinho demonstravam familiaridade com o rap, e o uso desse repertório em aula gerava reações de pertencimento, como se a escola finalmente abrisse espaço para expressões culturais que já faziam parte de suas vidas. Em 2025, a concessão do título de Doutor Honoris Causa ao grupo reforçou institucionalmente essa legitimação (Nunes, 2025; Gomes, 2025).

A prática revelou que trabalhar com Racionais MC's exigia mais do que afinidade musical. Era necessário planejamento cuidadoso e mediação pedagógica rigorosa para que as letras funcionassem como objeto de estudo. A canção *Diário de um Detento*, por exemplo, foi trabalhada a partir de leitura atenta, análise do narrador e contextualização histórica do massacre do Carandiru. Em seguida, os conteúdos foram articulados aos temas do material preparatório. A formação em Direito, particularmente na área penal, contribuiu para qualificar a abordagem sobre violência estatal, desigualdades raciais e encarceramento. O rap, nesse contexto, não era utilizado como ilustração, mas como conteúdo com densidade formativa.

Os efeitos dessa mediação se manifestaram em episódios significativos. Estudantes habitualmente silenciosos passaram a participar ativamente ao comentar trechos das músicas, demonstrando apropriação crítica do conteúdo. Outros, já familiarizados com o repertório, passaram a enxergá-lo sob novas perspectivas ao observar as escolhas de linguagem, as referências e a estrutura poética das letras. Esse movimento reconfigurou o currículo, desafiando a ideia de que apenas autores da tradição europeia clássica poderiam sustentar debates complexos. Conforme Faria (2018), a cultura hip hop pode atuar como instrumento de denúncia e conscientização, permitindo a ressignificação de experiências de exclusão.

As implicações para a docência são múltiplas. A primeira refere-se à legitimação do repertório: ao assumir Racionais MC's como objeto de estudo, o corpo docente questiona o que se ensina e por que se ensina, desestabilizando uma tradição curricular muitas vezes alheia à realidade dos estudantes. Como indicam Freitas e Campos (2021), uma formação crítica requer incorporar a autorreflexão como prática constante, inclusive na escolha de conteúdos. No caso

relatado, as aulas foram estruturadas em dois momentos: leitura dos materiais do vestibular e articulação com letras e debates orientados.

A segunda implicação está na necessidade de mediação intencional. A potência formativa do rap não se realiza automaticamente; depende da ação docente ao propor perguntas, contextualizar referências e conduzir a análise. Em atividades com a música Capítulo 4, Versículo 3, trabalharam-se elementos como intertextualidade bíblica, metáforas e construção de voz poética, o que possibilitou conexões com obras do programa oficial. Essa abordagem ampliou a capacidade analítica dos estudantes e reforçou o rigor escolar.

A terceira implicação diz respeito à identidade docente. A experiência evidenciou que o papel do(a) educador(a) extrapola o ensino de conteúdos. Ao trabalhar com linguagens juvenis, tornou-se necessário também mediar experiências culturais e políticas. Houve ganhos, como a articulação entre repertórios diversos, e também limites, especialmente diante de temas sensíveis que exigiam ajustes no ritmo das aulas e acolhimento cuidadoso. Essa dimensão confirma a autorreflexão como componente formativo fundamental, conforme apontam França (2023) e Onófrio (2022).

Entre 2018 e 2025, o processo de legitimação do rap nas instituições educacionais ganhou força, influenciando diretamente a sala de aula. Estudantes passaram a considerar o rap um conteúdo digno de análise, e a presença desse repertório nas aulas contribuiu para ampliar o engajamento e o senso de pertencimento. Ainda assim, houve resistências e tensões. Em momentos de desconforto, o(a) docente recorria a estratégias como retomada de perguntas analíticas e reorientação do foco, reafirmando que a educação crítica não se confunde com espontaneísmo, mas requer mediação rigorosa (Freire, 1996).

Do ponto de vista curricular, a integração entre o conteúdo canônico e as letras do grupo não buscou substituir autores tradicionais, mas promover diálogo entre formas de expressão. A análise aplicada a poemas e contos demonstrou eficácia também nas letras do rap, reforçando a noção de que formar leitores críticos passa por reconhecer múltiplas vozes e linguagens. Faria (2018) e Bertoli, Serpa e Baiter (2022) destacam a potência intergeracional das músicas do grupo, o que favorece pontes entre os(as) estudantes e os conteúdos escolares.

Por fim, a dimensão ética da docência se destacou nos momentos em que temas como racismo, violência e encarceramento atravessaram experiências pessoais dos(as) estudantes. Nesses episódios, foi preciso combinar escuta sensível com exigência intelectual, criando um ambiente em que fosse possível estudar sem negligenciar o impacto afetivo dos conteúdos. A prática docente, nesse contexto, confirmou o papel da educação emancipatória como enfrentamento das contradições sociais (Adorno, 1995).

A repercussão da proposta também foi observada fora da sala de aula. A realização de uma aula aberta com o grupo em 2022 e o reconhecimento acadêmico em 2025 reforçaram publicamente a relevância de levar a sério os saberes oriundos das periferias (Coll, 2022). Para o(a) docente, o processo exigiu

estudo e planejamento: leitura de entrevistas, levantamento de referências históricas, elaboração de atividades e formulação de questões interpretativas que mantivessem o foco formativo.

A autorreflexão mostrou que nem todas as ações foram bem-sucedidas: houve excesso de tempo em algumas aulas, dispersão em outras e dificuldades de aprofundamento em certos momentos. Esses obstáculos, longe de invalidar a experiência, indicaram pontos de aprimoramento e reforçaram o potencial formativo da prática. A literatura sobre narrativas docentes reconhece a voz do professor-pesquisador como ferramenta legítima de produção de conhecimento (Frison; Simão, 2011; Moraes, 2025; Onófrio, 2022; Souza; Senna, 2023).

Em perspectiva, a presença dos Racionais MC's em sala de aula contribuiu para articular cultura popular, conteúdos escolares e formação crítica, reafirmando a educação como prática de liberdade (Freire, 1996) e campo de disputa simbólica (Adorno, 1995). Essa experiência reafirma a urgência de incorporar vozes historicamente silenciadas nos processos formativos e o papel central da mediação docente como articuladora de sentidos.

#### **4.2 Identificação e impacto entre diferentes públicos**

Um dos aspectos mais notáveis na interação com os estudantes foi a constatação de como o grupo Racionais MC's atravessa gerações e dialoga com públicos bastante heterogêneos. Embora tenha surgido no final dos anos 1980, o grupo continua mobilizando jovens e adultos de distintas faixas etárias, da geração X à geração Z, mantendo-se como referência cultural relevante (Bertoli; Serpa; Baiter, 2022). Essa força intergeracional faz com que suas músicas operem como uma espécie de crônica social permanente, que cada tempo interpreta de modo particular, mas sempre identificando elementos de denúncia e resistência.

No ambiente do cursinho popular, essa diversidade manifestava-se concretamente. Estudantes mais jovens demonstravam entusiasmo imediato, reconhecendo nas letras uma linguagem direta e imagens que retratavam desigualdade e luta. No entanto, havia também alunos com pouca familiaridade com o rap, por vezes até com certa resistência inicial. Diante dessa heterogeneidade, tornou-se evidente a necessidade de exercer o papel de mediador cultural: alguém capaz de contextualizar e traduzir significados, acolhendo públicos distintos. Como apontam Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa qualitativa valoriza a multiplicidade de sentidos atribuídos às experiências; na docência, isso se traduz em reconhecer que uma mesma letra pode gerar interpretações diversas, conforme o repertório de cada estudante.

Esse alcance múltiplo se confirmou também em espaços universitários. Em 2022, integrantes do grupo participaram de uma aula aberta na disciplina Tópicos Especiais em Antropologia IV: Racionais MC's no Pensamento Social Brasileiro, na Unicamp. Na ocasião, artistas e estudantes refletiram conjuntamente sobre racismo, desigualdade e resistência, demonstrando que o rap ocupa não apenas o

lugar de objeto de estudo, mas também o de prática intelectual e política (Coli, 2022). Tal encontro revelou conexões com o trabalho desenvolvido no cursinho, em um contexto em que a presença do grupo em ambientes formativos já se mostrava consolidada.

Do ponto de vista da prática docente, essa identificação intergeracional traz duas implicações centrais. A primeira refere-se ao cuidado necessário para não presumir homogeneidade na recepção. Ainda que parte da turma demonstre entusiasmo imediato, é indispensável contextualizar o gênero musical para aqueles que não compartilham da mesma intimidade cultural. A segunda diz respeito ao papel do educador como articulador de mundos: ao trazer o rap para a sala de aula, aproxima-se o saber popular — vinculado à vivência periférica e ao cotidiano — do saber formal representado pelo currículo, pelas disciplinas e pelos exames seletivos. Essa função de ponte, além de didática, é também política, pois implica validar epistemologias historicamente marginalizadas.

Um exemplo ilustrativo ocorreu durante o trabalho com a música Capítulo 4, Versículo 3, utilizada para abordar questões de identidade racial e resistência. Parte dos estudantes respondeu com entusiasmo, reconhecendo na canção uma afirmação das vivências periféricas. Outros, porém, demonstraram desconforto ou confusão, especialmente diante das referências bíblicas, que geraram estranhamento entre alunos de religiões não cristãs. Tal diversidade de reações reforçou a importância da mediação pedagógica atenta: abrir espaço para leituras divergentes, esclarecer os contextos e valorizar a pluralidade como fonte de aprendizagem.

O impacto dos Racionais MC's ultrapassa as dimensões estética e acadêmica, alcançando aspectos subjetivos e formativos. Muitos admiradores do grupo relatam que suas músicas foram decisivas para a compreensão das próprias condições sociais e para a resistência a contextos adversos (Bertoli; Serpa; Baiter, 2022). A atribuição de um papel educativo ao grupo suscitou reflexões sobre a própria função do educador: reconhecer que há formas de saber que educam fora da escola é também reconhecer que a formação crítica se constrói em múltiplos espaços, exigindo abertura da sala de aula para interlocuções diversas.

A incorporação do repertório do grupo Racionais MC's nas atividades pedagógicas representou, além de uma escolha metodológica, um posicionamento político. Validar conteúdos que abordam racismo, desigualdade e resistência significou assumir que a prática docente nunca é neutra. Conforme aponta Freire (1996), ensinar é um ato político; e ao inserir o rap no currículo, assume-se conscientemente um compromisso com a formação crítica e com a transformação social. Embora essa decisão envolva tensões e resistências, amplia o potencial formativo da educação popular e fortalece o papel do docente como agente de mudança.

A identificação de públicos diversos com o repertório dos Racionais MC's evidencia que sua presença em sala de aula não deve ser reduzida a um recurso de motivação. Ao contrário, sua inserção permite ativar memórias coletivas,

fomentar debates intergeracionais e exigir mediação pedagógica qualificada. Para o educador, cabe o papel de tradutor e articulador, consciente de que o rap não é apenas uma ferramenta, mas um campo de disputas simbólicas. Quando acolhido criticamente, pode enriquecer a formação de sujeitos conscientes, engajados e capazes de ler o mundo com profundidade.

#### **4.3 Tensões, desafios e ressignificações na prática docente**

Apesar do evidente potencial transformador do uso das músicas dos Racionais MC's em sala de aula, a prática docente mostrou-se atravessada por tensões que, longe de configurarem entraves, revelaram-se elementos formadores. A tentativa de aproximar a cultura popular do ambiente escolar não se deu em terreno neutro; ao contrário, cada esforço nesse sentido mobilizou conflitos que exigiram posicionamento e reflexão. Com o tempo, tornou-se claro que tais tensões integram o próprio processo educativo crítico, bem como o percurso de formação do educador atuante em contextos populares.

A primeira tensão surgiu na articulação entre o repertório musical e o currículo formal. Ainda que o cursinho adotasse uma proposta flexível, havia uma preocupação constante com os vestibulares e a preparação dos estudantes para os conteúdos exigidos nos exames. O cânone literário, formado majoritariamente por obras clássicas e de matriz eurocêntrica, seguia sendo uma referência obrigatória. A inclusão do álbum *Sobrevivendo no Inferno* no vestibular da Unicamp, em 2018 (Menezes, 2018), representou um marco simbólico relevante, porém ainda isolado. Na prática, era necessário demonstrar como letras de rap dialogavam com, por exemplo, a literatura realista ou a poesia engajada. Esse desafio demandava não apenas criatividade, mas coragem para tensionar os limites estabelecidos do currículo (Freire, 1996).

Uma segunda tensão relacionou-se à legitimidade do rap como objeto de estudo. Em diferentes momentos, ficou evidente que havia percepções que o posicionavam como expressão "menor", sem densidade estética ou valor acadêmico. Tal visão reducionista aparecia tanto em comentários externos quanto, sutilmente, no interior do próprio espaço educativo. Houve ocasiões em que hesitações por parte do docente indicavam um receio de parecer "radical demais" ou a necessidade de justificar escolhas didáticas não convencionais. Esse receio evidenciava a permanência de hierarquias culturais no ambiente escolar e remetia à reflexão proposta por Adorno (1995), para quem a educação emancipatória exige o enfrentamento das contradições sociais. Reconhecer tais temores, paradoxalmente, fortaleceu a postura crítica, ao tornar explícito que assumir uma prática pedagógica transformadora envolve também assumir riscos.

A terceira tensão manifestou-se na diversidade de recepção entre os estudantes. Enquanto alguns demonstravam identificação imediata com as letras dos Racionais, outros demonstravam estranhamento ou distanciamento, sobretudo diante do teor político ou das referências religiosas presentes nas

músicas. Esse cenário exigia um trabalho pedagógico atento à pluralidade de experiências e percepções. A análise de canções como Diário de um Detento demandava contextualização histórica, discussões sobre desigualdade racial e o uso de elementos da formação jurídica do docente para ampliar as possibilidades interpretativas. Já em músicas como Capítulo 4, Versículo 3, parte da turma demonstrava entusiasmo, enquanto outros se perdiam diante das alusões bíblicas. Esse panorama reafirmou o papel do professor como mediador de sentidos, capaz de acolher interpretações distintas sem impor uma leitura única (Frison, 2011; Freitas; Campos, 2021).

A quarta tensão dizia respeito à necessidade de sustentar teoricamente a incorporação da cultura popular em sala de aula. Não bastava recorrer ao rap de maneira pontual ou espontânea; era fundamental planejar atividades com rigor, buscando respaldo conceitual que permitisse tratar o gênero como conhecimento legítimo. A inclusão do rap no vestibular da Unicamp evidenciava a possibilidade de uma abordagem sistemática, que deveria ser replicada no cursinho com o mesmo nível de seriedade. Assim, os planos de aula passaram a incluir propostas de leitura crítica, produção textual e aproximações com outros referenciais acadêmicos. França (2023) destaca que a formação docente crítica exige revisão constante dos fundamentos teóricos que embasam a prática pedagógica.

Com o tempo, as tensões iniciais foram resignificadas como oportunidades formativas. A articulação entre rap e currículo conduziu à problematização da própria noção de “conteúdo escolar”. A insegurança quanto à legitimidade do gênero artístico levou ao enfrentamento de preconceitos internalizados. A diversidade de recepções revelou o valor das múltiplas leituras em sala de aula. A exigência de fundamentação teórica reforçou a necessidade de integrar prática e reflexão como dimensões indissociáveis (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Cada um desses desafios contribuiu para a constituição de uma prática docente mais crítica, sensível e comprometida. A experiência demonstrou que ensinar em contextos populares não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a mediação de culturas, a negociação de sentidos e a tomada de posições éticas e políticas. A autorreflexão, nesse contexto, consolidou-se como um componente estrutural da identidade docente, permitindo reconhecer o educador como sujeito em constante processo de formação e transformação — em diálogo com a pedagogia proposta por Paulo Freire (1996), reinterpretada à luz das urgências contemporâneas.

#### **4.4 Aprendizados, implicações teóricas e síntese crítica para a docência**

A autorreflexão desenvolvida a partir da experiência docente em um cursinho popular universitário permitiu a identificação de aprendizagens centrais com implicações relevantes para a prática educativa em contextos populares. Tais aprendizagens, articuladas a referenciais da pedagogia crítica, da educação

emancipatória e das narrativas autobiográficas, evidenciam a complexidade e a potência do trabalho docente quando atravessado pela cultura popular.

Um dos primeiros aprendizados refere-se ao reconhecimento simbólico gerado pela valorização do rap dos Racionais MC's. Ao verem suas referências culturais, historicamente marginalizadas no espaço escolar, ganharem legitimidade nos ambientes acadêmicos e institucionais, os estudantes sentem-se representados. A inclusão do álbum *Sobrevivendo no Inferno* no vestibular da Unicamp (Menezes, 2018) foi um marco nesse processo. Essa validação simbólica está em consonância com a proposta freireana de valorização da cultura dos educandos como ponto de partida para a construção do conhecimento e para a transformação social (Freire, 1996).

Outro aprendizado essencial diz respeito à importância da mediação didática. O uso de letras de música, por si só, não garante uma aprendizagem crítica. É necessário que o(a) docente atue como contextualizador(a), explicando referências históricas, analisando figuras de linguagem e promovendo articulações com outros gêneros discursivos. Essa mediação evita tanto a banalização quanto a idealização do texto, permitindo que ele seja lido em sua complexidade estética e política.

A experiência também evidenciou o potencial das aulas que articulam cultura popular e teoria crítica. As músicas dos Racionais funcionaram como disparadores para discussões sobre racismo, desigualdade, identidade e violência, conectando a vivência dos estudantes a reflexões mais amplas sobre a sociedade. A aula aberta realizada na Unicamp, em 2022, com a participação de integrantes do grupo e estudantes de antropologia, é um exemplo de como a cultura hip hop pode ser trabalhada de forma sistematizada em espaços de formação intelectual (Coli, 2022). Esse tipo de prática reafirma o rap como objeto legítimo de estudo e a música como ferramenta metodológica contra-hegemônica.

Outro ponto fundamental está na docência como processo contínuo de formação. O trabalho com cultura popular exigiu revisão permanente de referenciais teóricos, superação de preconceitos e reposicionamento diante das escolhas pedagógicas. Essa postura está alinhada à abordagem qualitativa proposta por Sampieri, Collado e Lucio (2013), que valoriza a interpretação e a compreensão profundas das experiências. A autorreflexão, nesse caso, assume o estatuto de prática epistemológica, conferindo consistência e sentido à análise da prática.

A experiência também revela a importância da integração curricular e institucional. A presença de obras como as dos Racionais MC's em exames seletivos e universidades abre caminho para abordagens inovadoras, embora ainda dependa de iniciativas isoladas. O educador, nesse cenário, ocupa posição estratégica: pode antecipar debates e introduzir repertórios antes mesmo de sua validação formal. Tal atitude implica reconhecer a docência como prática política, capaz de questionar hierarquias culturais e ampliar os horizontes do conhecimento (França, 2023; Freitas; Campos, 2021).

Esses aprendizados mantêm diálogo estreito com autores da teoria crítica da educação. Freire (1996) propõe que o educador parta da realidade e da cultura dos educandos. Adorno (1995), por sua vez, adverte que o projeto emancipatório pode ser neutralizado pelas próprias instituições, o que se manifesta nas resistências à inserção do rap no currículo. Já os estudos baseados em narrativas autobiográficas (Frison, 2011; Moraes, 2024) conferem legitimidade à autorreflexão como metodologia de formação e produção de conhecimento, ao considerarem a trajetória docente como objeto de análise.

A experiência com os Racionais MC's revela que a docência atravessada pela cultura popular potencializa a formação de sujeitos críticos e transforma a identidade do educador. Para os estudantes, fortalece-se o senso de pertencimento e de valorização de sua cultura; para o docente, aprofunda-se a compreensão da educação como ato político, ético e cultural. Em contextos formativos como o Mestrado Profissional em Produção de Conteúdo Multiplataforma da UFSCar, tal autorreflexão reafirma a necessidade de uma formação docente que vá além da técnica, assumindo um caráter crítico, emancipador e transformador.

## **5 Considerações finais**

Revisitar a prática docente desenvolvida em um cursinho popular universitário, ao longo de 2021, assemelha-se a percorrer um caminho construído aos poucos, como uma trilha de ladrilhos assentados um a um, sem a clareza exata de onde levariam. Cada aula que incorporou as músicas dos Racionais MC's representou um desses passos — uma tentativa de abrir espaço para que a cultura popular atravessasse a sala de aula e oferecesse aos estudantes um canal legítimo de expressão. Logo se evidenciou que não se tratava apenas de utilizar músicas como recurso didático, mas de criar um terreno fértil para discussões sobre desigualdade, racismo, pertencimento e resistência.

Ao longo desse percurso, certos marcos ganharam destaque. A inclusão do álbum *Sobrevivendo no Inferno* no vestibular da Unicamp, em 2018, e a concessão do título de Doutor Honoris Causa ao grupo, em 2025 (Gomes, 2025), configuram sinais claros de legitimação institucional de práticas culturais outrora marginalizadas. No entanto, o aprendizado mais significativo consistiu em reconhecer que não é necessário aguardar validação externa para legitimar as referências culturais dos estudantes; cabe ao professor assumir, desde já, esse papel, reconhecendo saberes que já circulam em seus cotidianos.

Durante essa caminhada, também foram encontradas passagens mais árduas. Conciliar o repertório do rap com o currículo tradicional, lidar com questionamentos sobre sua legitimidade acadêmica, enfrentar reações diversas por parte dos estudantes e sustentar a prática com fundamentação teórica foram desafios constantes, que exigiram atenção, flexibilidade e persistência. Essas

tensões, porém, não interromperam o percurso; tornaram-se parte constitutiva dele. Foram momentos de pausa, de redirecionamento dos passos, que evidenciaram o quanto o ensino e a aprendizagem são processos marcados por contradições.

Ao final, esse trajeto revelou que a docência não é isenta de escolhas políticas e culturais. Levar os Racionais MC's para a sala de aula significou valorizar vozes periféricas, legitimar experiências frequentemente invisibilizadas e afirmar o potencial da educação como prática de liberdade e emancipação (Adorno, 1995; Freire, 1996). Tal experiência não apenas impactou a prática pedagógica, como também promoveu transformações na identidade do educador, que aprendeu com os estudantes, com as músicas e com os contextos sociais que se entrelaçaram ao longo do processo.

Dessa forma, ao encerrar este relato, não se trata de anunciar um ponto final, mas de reconhecer um trecho construído — um segmento que permite olhar para trás e perceber os sentidos já elaborados. A experiência com os Racionais MC's demonstrou que cada aula, cada diálogo e cada tensão contribuíram para desenhar um caminho que ultrapassa os limites da trajetória individual. Pode servir de inspiração para que outros educadores reconheçam as culturas de seus estudantes e transformem a sala de aula em espaço de crítica, diálogo e construção de esperança.

## Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Disponível em: <https://fabiomesquita.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/05/theodor-adorno-educac3a7c3a3o-e-emancipac3a7c3a3o-pedagogia-filosofia-livro-completo.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

BERTOLI, G.; SERPA, G.; BAITER, M. Do X ao Z: as gerações que escutam Racionais MC's. **Revista Esquinas**, São Paulo, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/musica/do-x-ao-z-as-geracoes-que-escutam-rationais-mcs>. Acesso em: 17 set. 2025.

COLI, L. Racionais MC's e estudantes compartilham trajetórias em aula na Unicamp. **Portal Unicamp**, Campinas, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/noticias/2022/12/01/rationais-mcs-e-estudantes-compartilham-trajetorias-em-aula-na-unicamp/>. Acesso em: 17 set. 2025.

FARIA, P. P. de. Racionais MC's e Paulo Freire: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH-**

**SP**, 24., 2018, Assis. Anais eletrônicos... Assis: ANPUH-SP, 2018. Disponível em: [https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525721958\\_ARQUIVO\\_resumoanpuh2018.pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525721958_ARQUIVO_resumoanpuh2018.pdf). Acesso em: 16 set. 2025.

FRANÇA, M. da C. F. de. Os saberes diários numa autorreflexão coletiva sobre a prática docente. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU**, 10., 2023, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa: Editora Realize, 2023. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV185\\_MD1\\_ID9256\\_TB1237\\_10122023235314.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID9256_TB1237_10122023235314.pdf). Acesso em: 16 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, N. A. O.; CAMPOS, L. M. L. C. Formação de professores: esclarecimento e autorreflexão para uma educação emancipatória com base em Theodor Adorno. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v. 31, n. 64, E16[2021], 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/14381/12074>. Acesso em: 16 set. 2025.

FRISON, L. M. B; SIMÃO, A. M. da V. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 199-211, maio/ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2011.2.8705>

GOMES, T. Unicamp concede título de Doutor Honoris Causa ao grupo Racionais MC's. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/unicamp-concede-titulo-de-doutor-honoris-causa-ao-grupo-rationais-mcs/>. Acesso em: 20 set. 2025.

MENEZES, G. Racionais MC's vira leitura obrigatória para vestibular da Unicamp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 maio 2018. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/05/rationais-mcs-vira-leitura-obrigatoria-para-vestibular-da-unicamp.shtml>. Acesso em: 17 set. 2025.

MORAIS, J. de S. Tecer com afeto, sensibilidade e emoção: a pesquisa narrativa autobiográfica em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 46, e283616, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.283616>

MORAIS, J. de S.; BRITO, A. D. de; SOARES, F. M. P. (org.). **Escritas autobiográficas sobre ensino, pesquisa e formação de professores(as)**.

Curitiba: Bagai, 2024. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/747584/1/Escritas%20Autobiogr%C3%A1ficas%20sobre%20Ensino%2C%20Pesquisa%20e%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores%28as%29.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

NAZARÉ, E. Cursinho Popular da Farmácia está com inscrições abertas. **Jornal da USP**, 29 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/cursinho-popular-da-farmacia-esta-com-inscricoes-abertas-2>. Acesso em: 20 set. 2025.

NUNES, T. Em dia histórico na Unicamp, Racionais MC's recebem título de Doutor Honoris Causa. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/07/em-dia-historico-na-unicamp-rationais-mcs-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa/>. Acesso em: 17 set. 2025.

ONÓFRIO, R. M. G. de. A narrativa autobiográfica na formação docente. **Cadernos de Pedagogia**, São Carlos, v. 22, n. 48, p. 21-34, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1888/790>. Acesso em: 20 set. 2025.

PASSEGGI, M. da C. Reflexividade narrativa e poder auto(transformador). **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./abr., 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v17i44.8018>

PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, e42568, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.42568>

PISSOLI, L. M. B.; SIRIÃO, A. M. da V. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 199-208, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/download/8705/6357/32666>. Acesso em: 20 set. 2025.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, K. A. da; MAKALELA, L. Língua, raça e o Sul Global: enfocando as lentes para a igualdade e a justiça social num mundo multipolar contemporâneo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 64, e025005, 2025.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tla/a/jcPMW8dSTtvY6BzhCXdWTCM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2025.

SOUZA, J. M. P. de; SENNA, L. A. G. A narrativa (auto)biográfica na pesquisa em educação: uma prática de linguagem reflexiva. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 8, n. 23, p. 91-105, jan./abr., 2023. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.p91-105>

ZANARDINE, J. H. O Hip Hop do Racionais MC's: resignificando a aprendizagem da Língua Portuguesa pela produção de textos significativos. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2015, Curitiba. Cadernos PDE. Curitiba: SEED/PR; Universidade Federal do Paraná, 2015. v. 1. Disponível em: [https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_port\\_artigo\\_joel\\_hypolito\\_zanardine.pdf](https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_port_artigo_joel_hypolito_zanardine.pdf). Acesso em: 16 set. 2025.

Submetido em: 12/10/25

Aprovado em: 20/10/25